

A PRODUÇÃO POÉTICA DE LUIZ GAMA: ATUALIZAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA *ÉGALITÉ*?

Jair Cardoso dos Santos¹

Orientadora: Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira

Resumo: Este *paper* é retratada a forma como o poeta e tribuno negro Luiz Gama, principalmente através das suas poesias, ressignificou o conceito de igualdade no Brasil da segunda metade do século XIX, sociedade fortemente marcada pela escravidão e pelas práticas do racismo contra negros escravizados e livres, desmontando as representações da ideia de igualdade formuladas pelo iluminismo francês e pelas elites escravocratas brasileiras. Assim, ao contrapor-se ao pensamento hegemônico da modernidade e revelar-se como um intelectual militante, orgânico, engajado com as causas de pessoas oriundas das margens do tecido social, o poeta e advogado Luiz Gama é considerado um expoente do Atlântico Negro em terras brasileiras.

Palavras-chave: Luís Gama. Poesia negro-brasileira. Igualdade. Desmontagem. Ressignificação.

INTRODUÇÃO

Nos compêndios de história da filosofia existe um lugar consagrado pelo cânone cultural aos iluministas, os pensadores do século XVIII que com uma das mãos arvoraram derrubar os tronos e, com a outra, encetaram a tarefa de sacudir os altares. Representando o pensamento revolucionário burguês, os filósofos iluministas estavam com a história ao contribuírem de forma decisiva para a desmontagem do *Ancien Régime* na França e, posteriormente em toda a Europa.

Inspirados nessas ideias, os revolucionários de 1789 redigiram a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamando, no seu artigo 1º, que “os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum”.

Dessa forma, entrava em cena o instituto jurídico da igualdade formal, ou seja, a igualdade de todos perante a lei. Entretanto, a *égalité* conquistada à luz dos interesses de classe da burguesia levou à frustração das massas rurais e urbanas francesas, que perceberam o engodo do discurso igualitário, que não tivera o condão de mudar as suas reais condições de vida. Interpretando o significado da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o historiador marxista inglês Eric J. Hobsbawm sintetiza que

As exigências do burguês foram delineadas na famosa Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Este documento é um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária (HOBBSAWM, 1986).

Durante o século XIX diversos movimentos, a exemplo das Jornadas Revolucionárias de 1820, 1830 e 1848, e da Comuna de Paris, em 1871, ocorreram na Europa sob o signo da *égalité*, em

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

tentativas de desmontagem da lógica dominante imposta pela burguesia para o significado dessa palavra, como bem expressa a obra artística “A liberdade guiando o povo”, do pintor Eugène Delacroix.

No Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, algumas tentativas de desmontagem das estruturas arcaicas de poder foram levadas a cabo, influenciadas por estes princípios de *égalité*, *liberté* e *fraternité*, a exemplo da Inconfidência Mineira, Revolta dos Búzios e o próprio processo de independência política do país. E na imperial cidade de São Paulo um jovem negro que sentia na pele as marcas da desigualdade começou a escrever poesias, publicando-as no ano de 1859, sob o título de Primeiras Trovas Burlescas de Getulino, tornou-se advogado provisionado e, defendendo as bandeiras da liberdade dos escravizados e da igualdade entre brancos e negros, destacou-se como uma das personagens mais combativas e aguerridas do país – trata-se de Luís Gama, um pensador fruto da diáspora africana, oriundo das margens do tecido social; filho da negra livre Luíza Mahin, revolucionária que participara da Revolta dos Malês e da Sabinada – movimentos ocorridos na década de 1830 na cidade de Salvador –, com um homem branco que o vendera como escravo quando tinha apenas 10 anos de idade, passando por uma realidade totalmente atípica: de pessoa livre à pessoa escravizada, tendo tais condições ocorridas dentro do território brasileiro. Segundo Lígia Fonseca Ferreira,

A partir dos dezessete anos, graças à “transgressão” de um estudante residente na casa de seu senhor que o ensina a ler e escrever, Luís Gama, qual Prometeu, empreende sua prodigiosa conquista do saber e da palavra que lhe devolvem a liberdade e constróem o improvável destino de um ex-escravo, no Segundo Reinado: o destino de um homem “letrado” cuja voz se fez ouvir na sua cidade, na sua província e na sua nação (FERREIRA, 2011).

Antes de se projetar *et urbi et orbi*, na poesia “No Álbum...”, Luís Gama já revelava o desconforto de viver em uma sociedade racista, que ignorava e repudiava o talento do negro livre e não o considerava em condição de igualdade com pessoas de cor branca:

Ciências e Letras

Não são para ti[;]

Pretinho da Cost[a]

Não é gente aqui (GAMA, 2011).

O fato de a sociedade brasileira não ver os negros livres em condição de igualdade com os brancos, levava, inclusive, ao preconceito quanto ao papel do negro no mercado de trabalho: igualdade nem pensar! A lógica dominante dizia que atividades intelectuais não estariam ao alcance do negro, por suposta absoluta falta de competência técnica! Caberiam ao negro livre as piores

tarefas, as de menor recompensa salarial, as mais desprestigiadas pela sociedade aristocrático-burguesa. Com seu sarcasmo habitual, Luís Gama denuncia a forma elitista e preconceituosa como que o negro livre era visto e o papel das instituições imperiais na formulação do racismo contra este; e, nessa poesia, particularmente, enfatiza, também, o papel do clero católico brasileiro na legitimação da desigualdade imposta pelo cativo, como se observa no final dos versos:

*Vai lá para a tenda
Pegar na sovela,
Coser teus sapatos
Com linha amarela*

*Mordendo na sola,
Empunha o martelo,
Não queiras, com brancos,
Meter-te a tarelo*

*Que branco é mordaz
Tem sangue azulado:
Se boles com ele,
Estás embirado*

*Não borres um livro,
Tão belo e tão fin[o;]
Não sejas pateta,
Sandeu e mofino*

*Não quero que digam
Que sou atrevido;
E que na ciência
Sou intrometido
Desculpa, meu caro amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o branco,
Nos privam té de pensar!...*

*Ao peso do cativo
Perdemos razão e tino,
Sofrendo barbaridades,
Em nome do Ser Divino!! (GAMA, 2011)*

No antepenúltimo parágrafo acima, observa-se um atrevimento que desafia a violência racista, invertendo a lógica e a hierarquia dominantes. Segundo Jacques Derrida:

Em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001).

Assim fazia o poeta baiano, denunciando sarcasticamente o racismo e desmontando as representações que a sociedade brasileira fazia de uma suposta superioridade branca. Ao inverter a hierarquia, colocava negros e brancos em condição de igualdade na sua poética, sobretudo quando ele se refere à beleza da mulher negra, conforme se verá mais adiante.

Com o seu exemplo e trajetória de intelectual, Luís Gama insurgiu-se contra os fatos por ele próprio denunciados em suas poesias, provando que o negro poderia desempenhar qualquer atividade de cunho intelectual: advogado, poeta, tribuno, jornalista ou qualquer outra atividade não-braçal. Note-se que, além do próprio exemplo de vida, ele usa o domínio da palavra também para atuar como intelectual orgânico, militante, ao qual faz referência HALL (2003), operando no interior do sistema, visando a desconstrução do conceito de igualdade. Os conceitos são culturalmente construídos e, em busca dessa igualdade, Luís Gama atua na sociedade brasileira para inverter a lógica. Trata-se da paralógica, que exigirá um novo conceito, conforme se observa da lição de Jacques Derrida:

Dito isso, ater-se, por outro lado, a essa fase significa ainda operar no terreno e no interior do sistema desconstruído. É preciso também, por essa escrita dupla, justamente estratificada, deslocada e deslocante, marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante ou idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo “conceito”, um conceito que não se deixa mais – que nunca se deixou – compreender no regime anterior (DERRIDA, 2001).

O poeta de carapinha sabia exatamente qual era a forma inicial de fazer a sociedade pensar na inversão da ordem, razão pela qual se apresenta com certa humildade. Segundo Elciene de Azevedo

Demonstra com isso saber exatamente quais eram os limites que os valores culturais de seu tempo impunham à sua atuação – afinal, para a sociedade paulista escravocrata, lugar de negro era trabalhando para servir aos brancos, e não metendo-se a “homem de letras” (AZEVEDO, 2005).

Entretanto, mesmo apresentando-se inicialmente com certa humildade, sutil e sarcasticamente Gama prosseguia denunciando a falta de igualdade no mercado de trabalho entre negros livres e brancos, em um discurso atualíssimo, quando os órgãos de pesquisa rotineiramente divulgam as ainda colossais diferenças salariais entre os trabalhadores brancos e não brancos. Quanto àqueles que se encontravam ainda cativos, a sua experiência de homem de arenas, de batalhas o fazia crer que a liberdade era *conditio sine qua non* para as condições da igualdade, razão pela qual, finalizando esse poema, ele assevera:

*E quando lá no horizonte
Despontar a liberdade;
Rompendo as férreas algemas
E proclamando a igualdade;*

*Do chocho bestunto
Cabeça farei;
Mimosas cantigas
Então te darei (GAMA, 2011).*

Ainda nas Primeiras Trovas Burlescas de Getulino, já deixando antever o seu pensamento sobre igualdade entre negros e brancos, o poeta apropriou-se de uma metáfora preconceituosa que comparava e confundia negros com bodes para escrever o poema “Quem Sou Eu?”, mais conhecido como “Bodarrada”. O poeta nascido na Bahia faz questão de satirizar a miscigenada sociedade brasileira, que fazia um esforço hercúleo para afirmar-se como branca. Interessante notar que, ao afirmar nos seus versos que “bodes há de toda a casta/ Pois que a espécie é muito vasta”, Luís Gama coloca todos os que se consideravam brancos como bodes, na mais absoluta condição de igualdade com os negros. Em outro trecho do poema, a ironia satírica vai como uma flecha mensageira da igualdade: “Aqui, n’esta boa terra/ Marram todos, tudo berra”. Àquela altura da segunda metade do século XIX, mesmo negando a condição de igualdade ao negro, as uniões informais interracialis, os encontros casuais, os casamentos (menos comuns) e os rotineiros estupros de mulheres negras conduziram o Brasil a uma miscigenação. Na melhor das hipóteses, poder-se-ia considerar aquela sociedade como mestiça, nunca como branca, assim avaliava o poeta filho de uma africana da Costa da Mina com um branco português. Eis alguns trechos da “Bodarrada”, talvez o mais conhecido poema de Luís Gama:

*Se negro sou, ou sou bode,
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baíos, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui n’esta boa terra,
Marram todos, tudo berra (GAMA, 2011).*

O pensamento poético de Luís Gama contra a lógica escravocrata dominante representa a contracultura da modernidade (GILROY, 2001), sendo ele uma personagem do Atlântico Negro. No Brasil até a edição das Primeiras Trovas Burlescas de Getulino, nenhum poeta havia se arvorado em escrever publicamente sobre a beleza da mulher negra, e Luís Gama, ao fazê-lo, além de contribuir para criar e fortalecer laços identitários, desconstruía discursos: a traduzia com a mesma formosura

que o cânone cultural hegemônico o fazia com a mulher branca. Também na estética feminina, trata-se da desmontagem do discurso da igualdade: mulheres negras são colocadas como portadoras de beleza, na mesma condição em que eram colocadas as mulheres brancas.

Nota-se, além da beleza da mulher negra, o realce que Gama dá ao poder desta beleza, capaz de silenciar e render poderosos de tez branca, na metáfora que ele faz usando a figura do leão – com letra maiúscula, note-se, talvez confundindo com nomes próprios de pessoas que ostentam poder, e que o senso comum tem confundido como o rei da selva. Assim, diante de tamanha beleza, reis, poderosos render-se-iam à formosura e encantos da mulher negra, conforme se observa do seguinte trecho do poema “Lá Vai Verso”:

*Oh! Musa de Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrido,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza (GAMA, 2011).*

No poema “A Cativa”, Luís Gama fala da mãe, Luíza Mahin, “magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro”, como ele refere-se a ela na carta escrita ao amigo Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880 (FERREIRA, 2011). No poema feito em homenagem à mãe revolucionária, mais uma vez ele acentua a beleza estonteante da mulher negra, comparando-a com uma obra de arte:

*Tinha o corpo acetinado
– Era o corpo uma pintura –
E no peito palpitante
Um sacrário de ternura (GAMA, 2011).*

Em outro poema, de nome “Meus amores”, o Orfeu de Carapinha usa metáforas que envolvem a cor da noite e os astros para mais uma vez acentuar a retumbante beleza da mulher negra:

*Meus amores são lindos, cor da noite
Recamada de estrelas rutilantes;
Tão formosa crioula, ou Tétis Negra,
Tem por astro dois olhos cintilantes (FERREIRA, 2011).*

Se, no campo da literatura Luís Gama procurava acentuar a igualdade entre negros e brancos, o mesmo ocorria em alguns dos seus escritos para jornais paulistanos, em cartas e na sua prática como advogado e maçom. Instigante notar o esforço de Luís Gama em ver negros e brancos em condição de igualdade no quesito liberdade: ele publicava anúncios em jornais paulistanos, onde oferecia gratuitamente seus serviços advocatícios para libertar escravizados pela via judicial. Mas o que causou maior impressão na sua época foi a forma como ele defendeu a igualdade entre senhores e escravizados ao expor suas ideias sobre o instituto jurídico da legítima defesa, afirmando que “o

escravo que mata o seu senhor age em legítima defesa” (FERREIRA, 2011). Ora, Luís Gama concluía que se alguém pode matar outrem para proteger a própria vida, que é um direito natural, poderia também matar para tutelar a própria liberdade, que também é um direito natural e inalienável. Percebe-se aqui uma nítida desmontagem da lógica dominante, imposta pelo Código Criminal do império, que dava a alguns o direito de nomearem-se donos de corpos e vidas alheios. Note-se que Luís Gama via o Direito e a instituição Justiça como um campo gerador de ressignificações e desmontagens por excelência, onde seria possível as modificações de relações sociais estabelecidas sob a égide da desigualdade. Tratava-se, pois, de instituir alógica da igualdade.

Outro fato que revela a preocupação de Gama com o quesito igualdade é a sua ação na educação de crianças e adultos em um curso noturno, no ano de 1869, conforme Lígia Fonseca Ferreira nos dá notícia: “Sob os auspícios da Loja América, os “professores” Luiz Gama e Olímpio da Paixão inauguram, em junho, uma escola gratuita para crianças e um curso primário noturno para adultos na Rua 25 de Março” (FERREIRA, 2011).

A Loja América foi a loja maçônica a qual Luís Gama pertencia e essas escolas, ao que tudo indica, eram destinadas a negros. Há aqui a presunção de que ele teria visto na educação o viés que conduziria o negro à igualdade material (entendida aqui, como igualdade de oportunidades, geradora do conceito de ações afirmativas), pois a sua própria vida é fruto e exemplo desse conhecimento que ressignifica a vida. Tal premissa significa dizer que as idéias de Luís Gama ressignificaram o conceito de igualdade formal instituído pela Revolução Francesa. O seu discurso de ex-escravo – à margem do discurso oficial e, portanto, desqualificado pelos setores hegemônicos da época – teria desmontado o conceito burguês de *égalité* para dar-lhe uma feição de igualdade material/substancial; ou, se assim não o fez, ressignificou as representações desse conceito formuladas pela elite escravocrata imperial à luz dos seus próprios interesses. Afinal, o que significava a palavra igualdade para a classe burguesa da França setecentista? Que a igualdade resumia-se em tratar juridicamente desiguais de forma igual. Igualdade na desigualdade é possível?

E para a classe senhorial brasileira, acostumada a atos torpes e cruéis contra a população negra por ela traficada e escravizada, qual era a representação que ela fazia da palavra igualdade? Certamente que a desigualdade na desigualdade; sim, no Brasil oitocentista tal fato era possível! O Código de Processo Criminal então vigente considerava o escravizado como um bem semovente, ou seja, um objeto, uma propriedade do seu senhor, negando-lhe personalidade jurídica. Para questões de ordem judicial, por exemplo, na melhor das hipóteses, ele poderia ser considerado um informante, nunca uma testemunha, como bem assevera Azevedo (2010). Uma grande contradição:

um objeto que fala! Foi contra essa lógica contraditória que a poética de Luís Gama se insurgiu, desmontando discursos...

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Elciene. *O Direito dos Escravos*. Campinas: Edit. Unicamp, 2010.
- AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERREIRA, Ligia Fonseca. *Com a palavra, Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
- GAMA, Luís. *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. Salvador: P55 Edições, 2011.
- GILROY, Paul. “Uma história para não se levar adiante”: a memória viva e o sublime escravo. In: *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende Et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOBBSAWM, J. Eric. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.